

Isolamento e sociabilidade no luto: a formação de redes sociais no ambiente cemiterial

Milena Carvalho Bezerra Freire¹

Resumo

O estar enlutado, nos dias atuais, configura-se como uma circunstância de isolamento e angústia social devido à impossibilidade de exposição da dor por parte dos indivíduos que sofrem uma perda. Ao mesmo tempo, a relação simbólica instituída entre sociedade e cemitério abrange interpretações sobre a morte, a dor e o medo – conferindo às visitas um caráter especial e individual. Diante deste contexto, esta dissertação busca analisar a formação de uma sociabilidade observada entre visitantes do Morada da Paz - cemitério particular localizado em Natal/RN -, bem como a frequência assídua destes sujeitos à necrópole. Assim, a pesquisa transcorre a partir da observação das relações existentes entre estes atores - cujos encontros tem proporcionado laços baseados na troca de experiências sobre a dor do luto. Este estudo, desta maneira, pretende analisar, como ponto principal, de que maneira o espaço do Morada da Paz e as relações lá instituídas estão sendo apropriados pelos visitantes em seu processo de luto, buscando compreender qual o papel destes vínculos na elaboração da perda para estes sujeitos.

Palavras-chave: Luto, sociabilidade, isolamento, cemitério, emoção.

O enfrentamento da morte

Nos dias atuais, a morte “é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador” (ELIAS, 2001: 19). Exemplo disto está na maneira distanciada com que se morre atualmente. A inserção do hospital e da medicalização do doente no cotidiano contribuem, e muito, para este novo enfrentamento da morte. Os ritos de passagem, como forma de manutenção da relação entre homem e a morte (representados de forma direta pelos falecidos), embora permaneçam presentes, também apresentam alterações significativas:

Se algumas formalidades são mantidas, e se uma cerimônia ainda marca a partida, devem permanecer discretas e evitar todo pretexto a uma emoção qualquer – assim, as condolências à família são agora suprimidas no final dos serviços de enterro. As manifestações aparentes de luto são condenadas e desaparecem. [...]

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Brasil. Correio eletrônico: milena.freire@terra.com.br

Só se tem o direito a chorar quando ninguém vê nem escuta: o luto solitário e envergonhado é o único recurso (ARIÈS, 1997: 87).

Desta maneira, considerando ainda as transformações ocorridas no âmbito das relações sociais a partir do “processo civilizador” (ELIAS, 1993), em que impera a economia dos gestos e das emoções, torna-se perceptível o quanto a discrição é tida como elemento comportamental preponderante entre indivíduos em estado de luto. Isolados pelo sentimento de necessidade vs. impossibilidade de expor sua dor, os enlutados introjetam seu sofrimento de forma solitária:

Para Ricoeur² (1994: 60 e 61), o sofrimento quando se abate sobre alguém é sempre solitário e sempre inominável, porque incomunicável em sua perplexidade e extensão, o que faz de cada sofredor um sofredor, específico na sua irresolução e na sua incomunicabilidade. O ato do sofrimento reduz as esferas do outro que se apresenta quase sempre como alguém ou algo que usurpa a necessidade de silêncio e autoreferências com que se reveste a tragédia causadora do seu sofrimento. (KOURY, 2002: 59).

Seguindo nesta reflexão, percebe-se a necessidade de entender como a morte e o luto são tratados em uma sociedade em que o individualismo vigora. O sofrimento causado pelo luto tornou-se um problema a ser vivido apenas por aquele que perdeu. A dor nos enlutados grita. Mas dentro deles. O social faz sua economia de gestos e sentimentos. E põe-se surdo diante do sofrimento daquele que sofre uma perda. Esta dor transforma-se em algo inaudível, e por isso mesmo indizível. Para não sofrer mais (?) diante da inadequação de seu sofrimento num âmbito mais amplo, o enlutado cala e põe-se mudo.

Existe, assim, um afastamento da dor da perda no cotidiano, e o jogo entre indivíduo e sociedade torna-se quito: um não fala por não ter quem ouça, quem compreenda, e o outro não ouve para não incomodar e também para não envolver-se. E então permanece o silêncio, que guarda no fundo um som, angustiado, isolado, sofrido e “inadequado” do enlutado. Vê-se, desta maneira, que aquilo que transforma a morte, e o morto, em tabu também põe como tabu tudo aquilo que lhes envolve, inclusive os enlutados (RODRIGUES, 1983: 69). E é desta forma que no momento em que os indivíduos que sofrem a perda mais precisam encontrar amparo no social, não recebem este auxílio (ARIÈS, 2003: 261) – o que torna conflitante sua relação com o coletivo, reforçando o seu isolamento e a abrangência do seu sofrimento.

² RICOEUR, Paul. (1994) *La Souffrance n'est pas la douleur*. *Souffrances* 142, pp. 58 a 70.

Hoje não se fala sobre a morte, é um assunto interdito socialmente. Este é um fato primordial para entendimento do tema, e de sua relevância como assunto a ser estudado. Neste contexto, esta pesquisa observa as relações existentes entre enlutados visitantes do cemitério Morada da Paz – necrópole particular localizada em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil. A percepção da formação de redes de sociabilidade entre estes sujeitos se deu a partir de visitas realizadas no trabalho de campo – em que a frequência assídua e o conhecimento mútuo destes indivíduos apontaram para um fato interessante a ser investigado - visto que a situação a que se submetem os enlutados, na atualidade, remete ao isolamento e à não-exposição do sofrimento, situação diferente daquela vista no Morada da Paz.

Conseqüentemente, foi notada a necessidade de considerar a dimensão simbólica estabelecida atualmente na relação entre a sociedade e o espaço do cemitério, que abrange interpretações sobre a morte, a dor e o medo. Com isso, também se envolveram no campo da pesquisa reflexões acerca do estado de luto e do sofrimento da perda, que dão um caráter especial e individual às visitas realizadas por enlutados no ambiente de um cemitério.

Esta aproximação com os enlutados indicou ainda a necessidade de ouvir de maneira mais sensível o seu discurso; de entender mais aproximadamente o que estava por trás da dor da perda; o que levava aqueles sujeitos para um estado à margem (VAN GENNEP, 1977: 127) e de que maneira o espaço do Morada da Paz e as relações lá instituídas estavam sendo apropriados pelos visitantes em seu processo de luto.

Desta forma, considerando a alteração dos espaços dos cemitérios particulares - através da prestação de serviços que visam o acolhimento dos visitantes - este trabalho se propõe a analisar a sociabilidade existente entre enlutados no Morada da Paz e o papel destes vínculos na elaboração da perda para estes sujeitos. Assim, a pesquisa transcorre, basicamente, através da observação das relações existentes entre estes atores, cuja frequência dos encontros tem proporcionado laços baseados na troca de experiências sobre a dor do luto. Como recursos metodológicos para entendimento deste quadro foram realizadas incursões ao longo de dois anos, onde foram mantidas conversas informais e aplicação de entrevistas, como também o acompanhamento de reuniões do grupo de apoio psicológico para enlutados (um dos serviços oferecidos pelo Morada).

Isolamento e sociabilidade no luto

Para analisar o luto como uma das atitudes diante da morte, é necessário compreender que estas manifestações passaram, desde o início do século passado, por alterações no que diz respeito à sensibilidade coletiva na percepção e na expressão dos sentimentos causados pela consciência da finitude humana. “Na realidade, trata-se de um fenômeno absolutamente inaudito. A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÉS, 2003: 84).

É interessante, para uma melhor percepção do assunto, observar o quanto a consciência da finitude remete à relação conflituosa, porém fundamental, do entendimento do homem sobre si mesmo. É a consciência da transitoriedade da vida que leva o sujeito a entender seus limites e sua existência. Assim, a morte como fato inexorável, sobre o qual não se tem controle, recai sobre a fragilidade humana – o temor pelo desconhecido (o que seria o pós-morte?) fez os homens atribuírem uma série de significações e explicações que sustentam a crença numa continuidade, num prolongamento da existência após o fim da vida.

O homem deseja superar a morte, por isso constrói estas projeções³. Pensar na morte como uma passagem, como uma etapa, significa negá-la como fim implacável da vida. Contudo, algumas mudanças significativas ocorridas, principalmente, a partir da compreensão do indivíduo na sociedade moderna, contribuíram para uma nova maneira de negar a morte. Não são mais as projeções de uma continuidade em um outro plano que asseguram a amenização no enfrentamento da morte. Negar a mortalidade, atualmente, é viver como se ela não existisse. Nesta perspectiva, percebe-se quanto a morte tornou-se indizível, e, principalmente, o quanto o escamoteamento de sua presença numa esfera reflexiva na sociedade contribui para uma problemática social.

Neste contexto, é possível observar a importância dos ritos funerários na manutenção da relação entre o homem e a morte. São os ritos mortuários que demonstram os cuidados e as preocupações humanas diante do “fantasma” de sua finitude. Podemos, desta forma, percebê-los como fenômenos sociais que envolvem os mortos - que devem, a partir de tais cuidados, se adaptar à sua nova “vida” - e os vivos - que diante da perda também se submetem a padrões de comportamento e de reorganização da vida.

Os ritos de passagem assumem a função de estabelecer a ordem social perdida com o evento da morte. Os falecidos, logo após sua partida, transitam até

³ Refiro-me aqui às concepções de duplos, almas, “outro mundo”, “além”, como representações que garantem esta continuidade.

alcançarem seu firmamento no mundo dos mortos. No intuito de auxiliar esta passagem de maneira que ela ocorra com segurança para ambos, mortos e sobreviventes – que temem a convivência com os duplos -, é que se revelam os sentidos dos ritos praticados pelos vivos. (REIS, 1991: 89-90). São eles, portanto, que marcam e asseguram a passagem dos mortos deste para um outro plano. É perceptível então porque o evento da morte, desde os mais antigos registros da humanidade, transforma-se em si num momento público e social, em que são demonstradas e ritualizadas emoções que estão incutidas nesta relação do homem com a noção de sua finitude.

Os ritos revelam, desta forma, a necessidade humana de solucionar seus problemas com a desordem provocada pela morte. É preciso assegurar a partida do morto. Tais atividades, devido à relação conflituosa entre homem vs. morte, podem ser observadas como momentos de reestruturação social em que são submetidos os sobreviventes, como aponta Rodrigues (1983: 45):

Como fenômeno social, a morte e os ritos a ela associados consistem na realização do penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro. Tal trabalho, exige todo um esforço de desestruturação e reorganização das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social. O enterro, bem como as outras maneiras de lidar com o corpo morto, é um meio de a comunidade assegurar a seus membros que o indivíduo falecido caminha na direção de seu lugar determinado, devidamente sob controle. Através de tais práticas, o grupo recebe mensagens que evoluem da insegurança ao sentimento de ordem e representam a maneira especial que cada humano tem de resolver um problema fundamental: é necessário que o morto parta.

É notável que a prática da inumação, o cuidado com o corpo morto, indica uma forma de salvaguardar falecidos e sobreviventes. O local de sepultamento pode ser visto como um espaço em que “reside” o morto, e porque não pensar, o duplo. Resgata-se assim a noção de individualidade dos mortos a partir dos ritos, que, ao integrarem também vivos, são igualmente constituições sociais.

Percebe-se então que a morte e os ritos por ela gerados suscitam nos sobreviventes emoções que remetem tanto à sua relação particular com a morte, quanto com o falecido. Estabelece-se aí a noção do luto, estado em que se situam aqueles que estão vinculados de alguma maneira com o morto. Para Arnold Van Gennep (1977: 127) o luto “é um estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem por ritos de reintegração na sociedade geral”, e sua duração pode relacionar-se diretamente com o período de acomodação do morto em seu novo plano. Portanto, durante o período do luto,

ambos, falecidos e sobreviventes “constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, de outro, da qual os vivos saem mais ou menos rapidamente conforme fossem mais estreitamente aparentados ao morto”.

Se enxergarmos mais detalhadamente o estado de luto, podemos observar que esta é a experiência mais próxima que o homem tem com a morte – uma vez que a própria morte não pode ser experimentada, nem sequer descrita, pelos sobreviventes. Assim, é a partir da condição de enlutado que o indivíduo, além de vivenciar a dor da perda (o que lhe remete à uma vinculação com o morto, que lhe põe num estado à margem), passa a notar mais nitidamente a sua própria condição de mortal.

O luto carrega em si, portanto, uma dimensão “afetiva”, que relembra ao homem sua mortalidade, e além disso, possibilita ao indivíduo uma noção de falta, de lacuna, uma vez que a existência do homem, em sociedade, é um “ser-com-o-outro⁴”, como bem explicita Elias (2001: 76): “A morte não é terrível. Passa-se ao sono e o mundo desaparece - se correr tudo bem. Terrível pode ser [...] a perda sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada. Não há cura conhecida. Somos parte uns dos outros”.

É então quando a morte, através do luto, apresenta-se como além de uma experiência social, coletiva, mas também individual, privativa – pois refere-se à consciência que o homem tem de si e de suas limitações, e ainda à sua dor pela partida do próximo. Este sentimento de aflição provocado pelo luto desdobra-se numa série de conseqüências sociais que devem ser analisadas mais cuidadosamente. O que queremos apontar é o vínculo conflituoso que o homem, desde a sua origem, tem com a morte - estendendo-se este enfrentamento para uma série de práticas e relações sociais que faz refletir acerca das causas e conseqüências do estado de luto nos dias de hoje.

A partir das considerações expostas, nota-se a relevância de compreender mais cuidadosamente as transformações ocorridas do processo de luto e na relação do indivíduo/ sociedade com os mortos. Para Sigmund Freud (1996a: 300-301), o processo de luto, especialmente quando decorre da perda de alguém próximo, proporciona ao indivíduo a falta de interesse pela própria vida, tamanha a intensidade do pesar. É necessário pensar, ainda, na permanência do morto na consciência dos sobreviventes. As lembranças da vida e da convivência com aquele

⁴ Tomo aqui expressão emprestada de Heidegger, citado por Dastur (2002: 67).

que partiu são sua forma de sua permanência entre os vivos. Uma citação de Rodrigues (1983: 29, grifo do autor) torna-se esclarecedora neste aspecto:

O absurdo da finitude humana reside em parte no fato de que a morte física não basta para realizar a morte nas consciências. As lembranças daquele que morreu recentemente continuam sendo uma forma de sua presença no mundo. E esta presença só arrefece aos poucos, lentamente, por meio de uma série de dilaceramentos de que são vítimas os sobreviventes. A consciência não consegue pensar o morto como morto e por isso não pode se furtar a lhe atribuir uma certa 'vida'. A morte definitiva não é determinada pela realidade natural mais que pelas instituições sociais: o defunto conserva ainda, por algum tempo, determinados poderes e direitos, mais ou menos duradouros segundo as diferentes culturas.

O desnorreamento sentido pelo enlutado, contudo, pode ser atribuído ao interdito sofrido pela morte, sobre a qual não se fala mais, e conseqüentemente ao luto, convencionado atualmente como um momento de dor individual. Isso nos faz comparar ao processo do luto vivido até o século XIX, quando a perda era sofrida e vivida socialmente. Aquele que perdia um parente tinha o direito (ou por vezes o dever) de demonstrar e compartilhar a sua dor com a sociedade.⁵ É possível imaginar, ainda, a necessidade do enlutado em expor sua angústia diante da perda, uma vez que a condição social de existência de "ser-com-o-outro", encontra-se, neste momento afetada pela ausência daquele que partiu.

Assim, notamos que o significado da perda de um ente, pode, antes de qualquer coisa, remeter a uma perda de si próprio. E, a partir do momento em que o enlutado, devido ao interdito imposto socialmente pela morte, não tem espaço pra revelar seu sofrimento, torna-se perceptível o conflito em que se encontra. Considerando a relação necessidade vs. impossibilidade de expor sua dor, o enlutado depara-se, nos dias de hoje, com um sentimento de inadequação social, o que lhe torna introspectivo, com receio de demonstrar seu pesar para não parecer fraco diante da perda e da morte, trazendo a noção da necessária discrição do enlutado. Como cita Mauro Koury (2003: 22):

O ser discreto no lidar com o seu sofrimento, em público, é a tônica dominante de um discurso que parece revelar a expressão de emoções através do luto como uma espécie de vergonha. A demonstração do sofrimento parece anunciar ou denunciar a idéia de fracasso e de medo de ser visto pelos outros através desta idéia. [...] Ser discreto, deste modo, não significa que o indivíduo não esteja

⁵ Neste aspecto lembramos de Marcel Mauss (1950: 147-153) e sua consideração acerca da expressão obrigatória dos sentimentos.

envolvido em seu sofrimento, que não viva a perda do ente querido, mas que este sofrimento é pessoal, e diz respeito apenas àquele que sofre.

Desta forma, o indivíduo que perde alguém não encontra espaço para falar da sua dor nos grupos cotidianos e, por outro lado, aqueles que estão próximos não oferecem ajuda por entenderem que devem respeitar a dor do enlutado ou, ainda, não tocam no assunto da morte com o enlutado por medo de se contaminar, de também sofrer ou angustiar-se com a idéia de que a morte vai acontecer consigo (KOURY, 2003: 152). Assim, a partir da individualização da dor, as relações sociais mantidas nos ritos de despedida, incluindo o luto, tornam-se fragmentadas, superficiais, e, principalmente, constrangidas pela falta de noção daquilo que pode/deve ser dito, tornando as expressões de sentimentos minimizadas e as condolências “padronizadas”, como esclarece Elias (2002: 32):

A convenção social fornece às pessoas umas poucas expressões estereotipadas ou formas padronizadas de comportamento que podem tornar mais fácil enfrentar as demandas emocionais de tal situação. Frases convencionais e rituais ainda estão em uso, porém mais pessoas do que antigamente se sentem constrangidas em usá-las, porque parecem superficiais e gastas.

Diante disso, a saída encontrada pela sociedade atual, que pode adiar, suavizar, mas não contestar a morte, é exorcizá-la do cotidiano como se ela não existisse, refletindo diretamente nos sentimentos sociais, (CASTELLS, 1999: 478). Voltamos a pensar então que o interdito à morte, exposto na sua negação, no seu temor, e principalmente na impossibilidade de compartilhamento do tema, fortalece o sentimento de inadequação dos enlutados, colocando-os numa estado à margem, em que a dor da perda torna-se pessoal, individual e de improvável socialização.

Desta forma, considerando o isolamento social os enlutados na atualidade, e para chegarmos ao entendimento da sociabilidade existente entre os visitantes do Morada da Paz, bem como de suas representações sobre a morte, o luto, e o ambiente do próprio cemitério, faz-se necessário, primeiramente, descrever rapidamente o local e as atividades dos visitantes.

Seguindo a proposta de um cemitério particular, no ambiente do Morada da Paz uma série de serviços é oferecida para que os enlutados se sintam à vontade: apresentações musicais são realizadas em datas comemorativas, missas semanais reúnem de 300 a 500 enlutados, obras de arte são expostas, além de um serviço de apoio psicológico que auxilia os enlutados através de um grupo de terapia do luto – também no espaço do Morada. A estrutura oferecida, através dos serviços já citados, é diferenciada dos demais cemitérios de Natal e possibilita ao visitante uma maior permanência no local.

Evoluindo em nosso questionamento, e percebendo o ambiente do Morada da Paz em comparação aos demais cemitérios de Natal, vemos que as ações mercadológicas voltadas para os visitantes podem **contribuir** para uma percepção diferenciada no que diz respeito ao ambiente do cemitério e à própria morte. A estrutura de cemitério jardim do Morada é semelhante aos cemitérios ingleses e a padronização, incluindo os serviços voltados para os vivos, são provenientes do modelo norte-americano⁶. Como o Morada, vários outros cemitérios-jardim bem estruturados poderiam ser observados em todo o Brasil e no mundo.

O que chama a atenção, porém, é a sociabilidade entre os enlutados e a frequência assídua destes visitantes aos eventos promovidos pelo cemitério. Longe na noção “macabra e diabólica” adquirida pelos cemitérios, por volta do século XV⁷, os visitantes do Morada afirmam que aquele é um espaço de meditação, de tranquilidade e de encontrar os amigos. O curioso é que, para estes mesmos atores, a noção e a apropriação diferenciada⁸ do ambiente do cemitério são específicas na relação com o Morada da Paz, visto que estes continuam a evitar a visita a outros cemitérios por achá-los tristes e sombrios. Quando tratamos por diferencial a frequência dos visitantes observados levamos em consideração a observação de Louis Vincent-Thomas (1983: 313) que afirma ser hábito da sociedade urbana ocidental, excetuando-se as perdas recentes, visitar as necrópoles apenas nos dias 1 e 2 de novembro⁹, mais por rotina que por convicção

Pelo que foi observado, as conversas mantidas pelos visitantes giram essencialmente sobre o luto, mantendo sempre em pauta os parentes que morreram, suas histórias de vida e como estariam se ainda estivessem vivos. A causa do falecimento também é assunto constante das conversas, cada um sabe como e porque morreu o parente do amigo. O processo de luto na vida cotidiana e suas dificuldades são temas que permitem aos enlutados uma espécie de identificação, o que intensifica os laços e possibilita a troca de apoio entre eles. É relativamente comum que troquem telefone e mantenham o relacionamento. Isso ocorre, de acordo com os próprios informantes, primeiramente porque se sentem bem no Morada, muitas vezes até esquecendo que estão num cemitério, e, também

⁶ Ver Maria Elizia Borges (2002); Mauro Koury (2003); Ariès (2003).

⁷ Ver Ariès (2003, p. 180-182).

⁸ A partir destas afirmações, podemos admitir, inclusive, que de alguma maneira as estratégias mantidas pelo grupo empresarial têm o intuito de encobrir a morte e suas faces, como uma tentativa de torná-la mais amena.

⁹ Datas em que se comemoram a Festa de Todos os Santos e o Dia de Finados (ou Festa dos Mortos), respectivamente. Segundo Schmitt (1999: 194; 279), a celebração da Festa de Todos os Santos é registrada desde o século VIII, já a Festa dos Mortos é bem atestada a partir de cerca de 1030.

de acordo com os depoimentos, o ciclo de amizade feito lá dentro tem ajudado a encontrar uma forma mais amena de encarar a morte.

Segundo relatos dos entrevistados, a realização de eventos culturais, artísticos e religiosos no espaço do cemitério tem contribuído para o fortalecimento da sociabilidade entre eles. O Morada da Paz é tido como local de conforto devido ao encontro com os amigos e a possibilidade de compartilhar sentimentos que não são externados em outros grupos do cotidiano. Além disso, a disposição do espaço entre os jazigos e o contato direto com a natureza no cemitério-jardim são apontados como estímulo ao bem-estar e ao crescimento das visitas.

É importante ressaltar a noção de que a frequência das visitas dos enlutados ao Morada se dá primordialmente pela necessidade de cultuar o parente que ali está sepultado.¹⁰ Desta forma, a assiduidade das visitas ao cemitério está diretamente ligada a uma indispensável reverência à memória dos falecidos. A diferença está na maneira como estes enlutados se sentem no Morada, de maneira mais tranqüila, o que, segundo seus próprios relatos, não acreditariam acontecer caso seus parentes estivessem sepultados em um outro local.

Considerando o bem-estar descrito pelos informantes através da tranqüilidade proporcionada pelo local, bem como a partir do vínculo afetivo construído nos encontros, trago para a pesquisa o questionamento a respeito de seu processo de luto: teriam estas alterações alguma influência na amenização da elaboração da perda para estas pessoas? Suas concepções sobre perda, sobre morte, e sobre o espaço cemiterial, seriam diferenciadas? Como uma primeira hipótese da pesquisa, supomos que a apropriação deste espaço como um local de troca de experiências, de reflexão e de tranqüilidade indica uma nova perspectiva simbólica com relação ao ambiente do cemitério, à morte e à forma de conviver com a perda. Uma sociabilidade incentivada pela alteração do uso do espaço, propiciada também a partir de ações mercadológicas¹¹ idealizadas pelo grupo que gerencia este espaço particular/público da cidade.

O que estes enlutados vêm de mais diferente no Morada, portanto, é a tranqüilidade do local e a possibilidade de expressarem sua dor, de falarem sem constrangimento sobre seus mortos. De acordo com Mauro Koury (1999: 75-76) o sentimento (incluindo a dor) é uma construção social que submete os indivíduos a

¹⁰ Fato proveniente da sensibilidade e da individualidade imbuídos no processo de luto no século XX.

¹¹ Torna-se importante ressaltar que as ações mercadológicas citadas foram planejadas prioritariamente para conquistar e agradar estes clientes, principalmente por ser o produto do jazigo um tanto incomum e indesejado. E que essa possível mudança não estava prevista nem era planejada pelo mercado funerário, do qual o Morada faz parte, mas pode acabar contribuindo para o seu crescimento.

uma sociabilidade. Assim, tendo como suporte da relação a dor comum da perda, os enlutados do Morada têm construído laços afetivos que contribuem para a amenização da angústia social que é isolar-se devido ao luto nos dias de hoje.

Assim, nota-se que os eventos e serviços oferecidos pelo Morada, sendo dada ênfase à realização das missas semanais e ao grupo de apoio psicológico, além da própria estrutura que permite uma permanência mais demorada no local, podem estar contribuindo para a construção (transformação?) da concepção dos visitantes sobre a morte e sobre a perda. Isto considerando que tais fatores podem estimular uma maior assiduidade na frequência destes atores, que passam a utilizar o Morada como um local de sociabilidade, principalmente para falar de algo que não é possível no cotidiano: o luto.

Não é demais lembrar, todavia, que esta apropriação do cemitério como um local de interação dá-se primordialmente por aspectos cognitivo-emocionais dos atores, bem como pela similaridade do contexto de isolamento social pelo qual estão passando. A maneira como acontece esta apropriação do espaço, ao nosso ver, pode **facilitar** esta interação, mas não é **condição** para esta sociabilidade. Pois, como afirmou um enlutado: “É a ambientação humana que tem ali que está dando vida além da paisagem”. O cemitério, desta maneira, é **palco** da principal observação da pesquisa - a interação entre os enlutados sob o ponto de vista da troca de emoções e do estabelecimento de vínculos a partir de uma situação de isolamento social similar entre eles.

Deve-se, contudo, perceber a relevância do “palco”, da apropriação do ambiente para as relações e para os indivíduos isoladamente. Sobre este aspecto, nos diz Maffesoli (1987: 169, grifos do autor):

Naturalmente, devemos estar atentos ao componente relacional da vida social. O homem em relação. Não apenas a relação interindividual, mas também a que me liga a um território, a uma cidade, a um meio ambiente natural que partilho com outros. Estas são as pequenas histórias do dia-a-dia: *tempo que cristaliza em espaço*. A partir daí, a história de um lugar se torna história pessoal.

Assim, a consideração acerca da apropriação do local assume importância justamente pela possibilidade de socialização encontrada no ambiente por seus frequentadores, o que torna relevante a ligação entre enlutados e cemitério, fazendo deste espaço e das histórias nele vividas e compartilhadas uma parte significativa na vida destes indivíduos.

Emoção e intersubjetividade

É importante perceber que a interiorização do sofrimento dos enlutados ocorre no campo da subjetividade, o que caracteriza seu estudo na esfera do sentimento, do aspecto cognitivo-emocional destes sujeitos. A construção desta subjetividade, contudo, se constitui a partir de conexões tanto psicológicas quanto sociais dos indivíduos em contextos temporais, culturais e espaciais específicos. “A intersubjetividade não deriva da subjetividade, mas ao contrário”, nos lembra Giddens (2002: 53).

Desta forma, ao inclinarmos nossa atenção para o âmbito emocional que envolve o sujeito enlutado, é preciso ter em mente que a própria emoção se constrói a partir da intersubjetividade, da teia de relações sociais e culturais que transitam no indivíduo de maneira singular, num encadeamento temporal e espacial determinado. As relações sociais que envolvem o luto, deste modo, caracterizam-se como campo de estudo da sociologia da emoção – que parte “do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade” (KOURY, 2004: 89).

Assim, ao analisarmos as emoções pelas quais passam os enlutados do Morada da Paz, devemos considerar que tais experiências, tanto na esfera cotidiana quanto no ambiente do cemitério, correspondem a entrelaces que perpassam por experimentações individuais e coletivas, que trazem, em si, representações sociais e culturais sobre a morte e o luto, e por consequência interferem na esfera emocional e comportamental daqueles indivíduos.

O que significa dizer que a exposição e a troca de experiências entre estes visitantes é percebida pela similaridade da situação sociocultural em que se encontram, caracterizando-se uma interação, uma espécie de aliança. Vendo sobre este aspecto, em que as formas relacionais assumem as ações sociais (idem: 12), pode-se afirmar que existe, ainda, uma projeção de cada indivíduo nesta socialização da dor. Ou seja, cada ator, ao projetar nestas relações o interesse de amenizar sua angústia, passa a interagir a partir de uma situação que deve satisfazer ambos os lados, indicando que existe uma noção comportamental que rege estas trocas. Assim, o contexto dado para este estudo precisa considerar o âmbito emocional historicamente e temporalmente dado para cada um dos atores, bem como o espaço desta interação, e a forma como a apropriação do cemitério influencia, ou contribui, para esta troca intersubjetiva.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. (1977) **O Homem Perante a Morte II**. Portugal: Publicações Europa-América,
- (2003). **A história da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- CASTELLS, Manuel. (1999). O limiar do eterno: tempo intemporal. In: _____. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra. pp 457-496
- DASTUR, Françoise. (2002). **A morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL. (Coleção Enfoques. Filosofia).
- ELIAS, Norbert. (1993). **O processo civilizador. Volume 2: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- (2001). **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- FREUD, Sigmund. (1996). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: _____. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago. pp. 282-312.
- GIDDENS, Anthony. (2002). **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1999). A dor como objeto de pesquisa social. **ILHA**, Florianópolis, n. 9. pp. 73-83
- (2002). **Uma fotografia desbotada – Atitudes e rituais do luto e o objeto fotográfico**. João Pessoa: Manufatura/GREM.
- (2003). **Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis/RJ: Vozes.
- (2004). **Introdução à Sociologia da Emoção**. João Pessoa: Manufatura/GREM.
- MAFFESOLI, Michel. (1987). **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária.
- MAUSS, Marcel. (1979). A expressão obrigatória dos sentimentos. In: **Marcel Mauss: antropologia**, organizador (da coletânea) Roberto Cardoso de Oliveira. São Paulo: Ática. pp. 147-153 (Grandes Cientistas Sociais; 11)
- REIS, João José. (1991). **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras.
- RODRIGUES, José Carlos. (1983). **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda.

- SCHMITT, Jean-Claude. (1999). **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Cia. das Letras.
- THOMÁS, Louis-Vicent. (1983). **Antropologia de la Muerte**. México: Fondo de Cultura Econômica.
- VAN GENNEP, Arnold. (1977). Os Funerais. In: _____. **Os ritos de passagem**. Petrópolis/RJ: Vozes. (Coleção Antropologia 11)